

## SEMPRE “UMA ESTRANHA LÍNGUA?”: ATUALIDADE DE UM MÉTODO DE VANGUARDA

### *ALWAYS “A STRANGE LANGUAGE?”: CURRENT RELEVANCE OF AN AVANT-GARDE METHOD*

Giovanna Longo<sup>1</sup>  
João Batista Toledo Prado<sup>2</sup>  
Brunno V. G. Vieira<sup>3</sup>  
Márcio Thamos<sup>4</sup>

**RESUMO:** Este artigo procura mostrar em que medida a concepção desenvolvida por Alceu Dias Lima, a partir dos estudos linguísticos e semióticos aplicados ao latim, é ao mesmo tempo atual e reveladora do quanto esse idioma antigo ainda tem a nos dizer. Ao longo de sua carreira, o docente e pesquisador tem aprofundado uma reflexão sobre a linguagem que permite criar uma consciência sobre o latim como língua viva do passado, isto é, como a língua materna dos antigos romanos. Essa perspectiva acarreta importantes implicações para os estudos de tradução e de poética.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia da linguagem; Língua e literatura latinas; Ensino de língua antiga; consciência linguística; Tradutologia.

**ABSTRACT:** *This paper aims at showing that the conception based on linguistic and semiotic studies applied to Latin, as developed by Alceu Dias Lima, is still effective nowadays and reveals that this ancient language has a lot to say even up to this day. The reflection on language undertaken by this professor and researcher throughout his career leads to understanding Latin as a living language of the past, that is to say, as the mother tongue of the ancient Romans. This perspective has important implications for translation and studies on Poetics.*

**KEYWORDS:** *Philosophy of Language; Latin language and literature; Ancient Language Teaching; Linguistic awareness, Tradutology.*

<sup>1</sup>Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: [giovanna.longo@unesp.br](mailto:giovanna.longo@unesp.br) Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0993-0514>

<sup>2</sup>Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: [jbtprado@gmail.com](mailto:jbtprado@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3750-0976>

<sup>3</sup>Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: [brunno.vg.vieira@unesp.br](mailto:brunno.vg.vieira@unesp.br) Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2678-6462>

<sup>4</sup>Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: [marcio.thamos@unesp.br](mailto:marcio.thamos@unesp.br) Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7976-8247>

## Introdução

O latim, essa língua estranha e difícil que os romanos falaram durante a Antiguidade e da qual surgiram outras que nos parecem às vezes tão familiares quanto o português, chegou até nós materializado em textos de autores tão consagrados, e revestido de um tal prestígio através dos séculos, que é quase impossível nos darmos conta de que, pelas ruas de Roma, qualquer criança de três anos falava latim! Essa é, sem dúvida, a constatação mais simples e eloquente que levaria Alceu Dias Lima a repensar a teoria e a prática desse idioma entre nós e a rejeitar seu uso como um saber prestigioso e vazio, isto é, como um conhecimento que não exige a consciência do “saber para quê” e que, por isso mesmo, permite muitas vezes o mero exibicionismo intelectual, na construção de um mesquinho parecer-ser erudito, dentro dos limites estreitos do “estranhamento” de um saber que quase ninguém domina, mas acha “bonito” e elegante, como já denunciava Machado de Assis (2019, p. 109), nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (cap. XXIV, “Curto, mas alegre”):

Não digo que a Universidade me não tivesse ensinado alguma [filosofia]; mas eu decorei-lhe só as fórmulas, o vocabulário, o esqueleto. Tratei-a como tratei o latim; embolsei três versos de Virgílio, dous de Horácio, uma dúzia de locuções morais e políticas, para as despesas da conversação. Tratei-os como tratei a história e a jurisprudência. Colhi de todas as cousas a fraseologia, a casca, a ornamentação...

A relação intrínseca entre cultura e linguagem – a clara noção de que “língua e sociedade não se concebem uma sem a outra”, no preceito formulado por Benveniste (1976, p. 31-32) –, é um importantíssimo conceito que não podemos perder de vista ao procurar penetrar no pensamento de Alceu Dias Lima a respeito do antigo idioma do Lácio. Por ora, para tocar apenas de leve numa questão que mais à frente será explicitada, a língua *materna* dos antigos romanos – com toda a atenção para o realce aí no adjetivo! – nada tem a ver com o uso postiço e afetado de um “latim” que, a fim de simular certa expressividade no mundo contemporâneo, precisa recorrer ao expediente anacrônico e canhestro de forjar palavras, tais como:

- *velivolum*: “avião”; literalmente, “o que voa” (calcado em *ueliuōlus*, *a*, *um*, adj.: alado).
- *astrictum sonorumque orbem*: “CD”; literalmente, “círculo (disco) reduzido (compacto) e sonoro” (*astructus sonorusque orbis*, no nominativo; a partir do participio de *astringo*, *ēre*: apertar, reduzir, contrair).

▪ *liber maxime divenditus*: “*best seller*”; literalmente “livro vendido ao máximo” (valendo-se do participio de *diuendo*, *ĕre*: vender [a muita gente]).

Devido ao evidente descompromisso com a cultura romana, em que a língua latina era um instrumento necessário de comunicação e expressão, exemplos desse tipo<sup>5</sup>, são suficientes para fazer notar o caráter artificial do que pode ser um “latim” falado hoje. Mas para além desse desapego ao vínculo natural da linguagem com a cultura viva de que ela dá testemunho – como se fosse de fato possível dispensar o uso espontâneo de um idioma que, como qualquer outro, só se justifica no desembaraço com que se desenvolve no seio de uma sociedade – não é demais lembrar o dado básico da prosódia latina que nenhuma pronúncia moderna tem como recuperar (a não ser hipoteticamente, e que por isso mesmo costuma ser escamoteado), mas que não escapava ao ouvido de todos os falantes da Antiguidade: o traço de duração das vogais, que constituíam necessariamente sílabas longas ou breves, o que, em qualquer situação de colóquio, fosse num elevado discurso retórico, fosse numa conversação corriqueira, permitia a distinção nada sutil entre o nominativo e o ablativo de uma palavra de tema em *-a*, como *puella*, por exemplo.

A observação atenta à interdependência entre língua e cultura se desdobra no sensível interesse de Alceu Dias Lima pelas relações entre linguagem e poética e nos experimentos de tradução de textos latinos para o português, nos quais,

Importante é insistir em que a equivalência a que se visa, uma vez que se trata de um texto que é um poema milenarmente reconhecido, isto é, no qual se busca sistematicamente o deleite mais do que a utilidade prática, é a que recai sob juízo, ao mesmo tempo, técnico e estético. Nesse sentido, será legítimo perguntar, por exemplo, se o metro escolhido para a tradução *equivale*, isto é, produz efeitos psicológicos equivalentes aos do poema na língua original; se as virtudes prosódicas de um foram, de algum modo preservadas no outro, para que se possa falar de tradução. (LIMA, 2006, p. 20).

Não menos importante também é ressaltar aqui a consciência que emana dos escritos de Alceu Dias Lima de que não se deve idealizar a cultura antiga nem ter dela uma visão acrítica, mas valorizá-la na medida em que ela pode nos oferecer exemplos que suscitam a reflexão e o debate em torno de importantes valores civilizatórios. Essa constante preocupação fica patente quando, já no

<sup>5</sup> As expressões apresentadas, palavras criadas pelo Vaticano, aparecem numa lista, a título de “modernidades”, no artigo “Latinório eletrônico” (*Revista Língua Portuguesa*, Ano I, nº. 4, 2006, p. 18-20).

primeiro parágrafo da introdução de um trabalho sobre ensino de língua latina (*Uma estranha língua?: questões de linguagem e de método*, 1995), o autor faz questão de enunciar que “[...] as coisas nunca mudaram, de Roma aos dias que correm” (p. 15), ao comentar uma passagem de Cícero (*Dos deveres*, X, 33) da qual tira a confirmação

[...] de que é um erro muito grande acreditar na democracia sem que a maioria, senão a totalidade dos indivíduos que formam o conjunto dos cidadãos melhore suas condições de vida quanto ao bem-estar social e à educação; de que é uma ingenuidade inexplicável continuar pensando na justiça para todos com base apenas no voto universal e no direito, o dos manuais. (*id., ib.*).

É nesse sentido que Alceu Dias Lima, em seu percurso como professor e pensador da linguagem, pioneiro dos estudos semióticos no Brasil, voltado sobretudo para os estudos latinos, se torna um terno revolucionário e nos abre a possibilidade de vislumbrar os estudos clássicos de uma perspectiva renovada e generosa.

## 1 Ensino de latim, consciência linguística e liberdade democrática

[...] estudos linguístico-literários, mesmo os que têm por objeto Roma e o seu prestigioso idioma, correm o sério risco de se converterem em conservadorismo arrogante e oco se não tiverem por cerne a reflexão honesta sobre a *humanitas* e o que nela possa vir a ser o fundamento do [...] processo democrático, segundo exigências de uma concepção modernizadora e progressista. (LIMA, 1995, p. 16).

Ao longo de sua carreira como docente e pesquisador, Alceu Dias Lima tem-se dedicado à reflexão sobre a língua e a literatura da Roma antiga, da perspectiva da linguagem verbal tomada como objeto do saber humano. Em dezenas de artigos e ensaios acadêmicos e, especialmente, em seu livro *Uma estranha língua? - questões de linguagem e de método* (1995), Lima promove uma revisão das práticas de ensino do latim, por meio da qual estabelece uma verdadeira ruptura com os métodos e processos consagrados pela tradição escolar.

Partindo dos ensinamentos proporcionados pela ciência linguística, em especial os postulados de Saussure (2003), Hjelmslev (1975, 1991) e Benveniste (1976), o pesquisador mostra que os inconvenientes de um ensino inicial feito nos moldes tradicionais vão muito além das dificuldades impostas pela ênfase nos dados de substância (sistematizados em quadros de

“declinações” e “conjugações”) em detrimento da forma linguística, exigindo grandes doses de esforço mnemônico por parte de quem aprende.

As discussões empreendidas pelo autor ao longo de sua obra desvelam uma questão mais profunda, diretamente relacionada ao fato de que o ensino de latim, dessa perspectiva, se funda em uma visão mistificadora. As ideias de língua especial, superior às outras, e de cultura modelar, digna de ser imitada, cultivadas por um tratamento escolar maçante e dogmático, alinham-se a uma ideologia opressora, própria das classes dominantes, muito afeitas aos regimes totalitários. Essa é a primeira e mais forte razão para a necessidade de uma mudança de postura acadêmica<sup>6</sup>. Segundo Lima (1995, p. 107),

[...] é claro que nenhuma ampliação de horizonte [...] haverá, se não se puder contar com o reconhecimento de que o elitismo do latim, seja no tocante ao objeto, seja aos beneficiários, esteve sempre eficazmente secundado pelas técnicas de ensino que melhor lhe corresponderam. Nem será absurdo afirmar que o próprio conceito de latim das humanidades tem como principal fator, se é que não é fruto delas, tais técnicas de ensino [...]. (LIMA, 1995, p. 107).

Dessa perspectiva, o latim é tomado não como língua, mas como um código, a ser assimilado sejam quais forem as doses necessárias de sacrifício, tendo em vista a recompensa do acesso aos discursos elevados, próprios dos saberes eruditos.

O desenvolvimento da linguística a partir de Saussure (2003) permitiu reconhecer a linguagem verbal como um fenômeno de natureza múltipla, constituído por fatores biológicos, psicológicos, afetivos, sociais e formais. O estudo desse fenômeno complexo requeria um método que permitisse reconhecer, no todo heterogêneo e acidental das manifestações verbais, aquilo que é constante e, portanto, comum a todas elas. Foi assim que o linguista separou cientificamente o sistema de formas coletivamente significativas, a *lingua*, dos diferentes atos comunicativos relacionados a episódios da vida social dos indivíduos, a *fala*.

<sup>6</sup> Uma recente discussão em uma das mais tradicionais universidades estadunidenses, que decidiu rever as exigências para a formação em Letras Clássicas, admitindo a ligação histórica dessa área com práticas pouco democráticas, revela a atualidade da proposta de Lima. Disponível em: <https://greekreporter.com/2021/05/31/princeton-removes-greek-latin-for-classics-majors-to-combat-racism/> (Acesso em 06 de junho de 2021).

A despeito de toda a crítica recebida pela abordagem estruturalista<sup>7</sup> que privilegiou a descrição da parcela formal da linguagem, o reconhecimento da língua como um sistema socialmente adquirido, que permite aos indivíduos que a compartilham conferir sentido a suas experiências e expressá-las, tornando-as assunto de seus atos enunciativos, não se faz em uma perspectiva que dissocie Linguagem e Cultura. Ainda que, por seu caráter formal, as línguas possam ser tomadas inicialmente como objeto autônomo de investigação científica, não se pode perder de vista que o próprio Hjelmslev (1975, p. 133), com seu formalismo algébrico, chegou à constatação de que a teoria da linguagem deve levar a “reconhecer não apenas o sistema linguístico em seu esquema e seu uso, mas também o homem e a sociedade humana presentes na linguagem, e, através dela, atingir o domínio do saber humano em sua totalidade”.

É assim que a adoção da perspectiva estrutural proposta por Lima para o estudo do latim não ignora que

a descrição e classificação pura e simples das determinações formais de um sistema, por separado das condições histórico-culturais de quem através dele expressou seu modo específico e único de estar no mundo [...] não pode mesmo satisfazer as necessidades humanas do conhecimento. (LIMA, 2002, p. 7).

É com base nessa perspectiva que Lima afirma que o latim foi a língua materna dos antigos romanos. E a partir desse diagnóstico, pode-se promover claro discernimento em relação àquele latim que, após a desagregação da civilização romana, serviu a outros propósitos, que não os que se podem identificar com as necessidades naturais de comunicação e expressão de uma comunidade linguística<sup>8</sup>. Tem-se aí a importante distinção entre a noção do latim como língua da de latim como código.

O pensamento saussuriano, trazido por Lima ao campo dos estudos clássicos, leva à compreensão de que toda fala pressupõe a língua, e que a escrita, apesar de seu prestígio social, não se confunde com o sistema que deve representar, i.e., com o sistema linguístico e, por essa razão,

---

<sup>7</sup> Acusada de excluir de seu escopo noções fundamentais para o estudo da linguagem como as de sujeito, história, discurso e ideologia.

<sup>8</sup> Não se quer com isso negar a importância histórica, filológica, filosófica, científica, etc. dos textos produzidos ao longo desse período; entretanto, é forçoso compreender que, do ponto de vista linguístico, essas fontes são apenas a comprovação de um saber puramente escolar e não a da existência de uma língua viva, produto de uma cultura autêntica.

pressupõe o uso oral da linguagem. Estando o latim reduzido às manifestações escritas, é fundamental lembrar as palavras de Saussure (2003, p. 35) também sobre esse ponto:

A língua literária aumenta ainda mais a importância imerecida da escrita. Possui seus dicionários, suas gramáticas; é conforme o livro e pelo livro que se ensina na escola; a língua aparece regulamentada pelo código; ora, tal código é ele próprio uma regra escrita, submetida a um uso rigoroso: a ortografia, e eis o que confere à escrita uma importância primordial. Acabamos por esquecer que aprendemos a falar antes de aprender a escrever, e inverte-se a relação natural.

É assim que o entendimento de que uma língua está visceralmente comprometida com a cultura permite reconhecer que, muito embora, como prova material da existência do latim dos romanos, restem apenas os textos escritos, que chegaram aos dias atuais graças à tradição filológica, a existência de falantes de excepcional competência, capazes de enfrentar com maestria o intrincado problema da expressão, produzindo obras “mais perenes que o bronze”, pressupõe a natural existência de toda a comunidade falante, com suas distinções sociais, regionais e etárias, com seus valores, angústias e anseios, expressos por todas as variantes linguísticas correspondentes a cada esfera de atuação humana, que formam as sociedades de qualquer tempo e lugar.

É o entendimento do latim como língua materna que irá, na abordagem proposta por Lima, promover uma mudança de paradigma para o tratamento da matéria. As circunstâncias históricas em que se encontra o latim impuseram a falta do registro coloquial, aquele da conversação espontânea do dia-a-dia, qualquer que fosse o grau de instrução dos falantes. Essa é uma das principais razões para que se tenha criado a imagem do latim como um código de erudição, cujo aprendizado se reduz a práticas nada naturais, restritas aos domínios escolares. Vale lembrar as palavras de Lima (1995, p. 25) sobre os efeitos deletérios dessa condição:

É só quando, desconhecendo a oposição complementar língua vs fala, se apresentam autores como se fossem já a própria língua, uma língua feita de lugares-comuns, por mais que lapidares, que se faz do latim uma língua morta! Entenda-se: *morta*, participio de *matar*, não de morrer. *Morta* há de ser aí tomado na sua força transitiva tendo como agente o ensino de latim da tradição. *Morta*, sinônimo de *matada*, não de *falecida*.

Ainda que se deva reconhecer que seja possível contar com alguns exemplos de registros escritos desprovidos dos artifícios estilísticos próprios dos textos literários, registros que graças às pesquisas arqueológicas nos dão ideia de usos menos rebuscados da linguagem, como os que se



podem encontrar nos *graffiti* de Pompeia, ainda assim não é possível dizer que temos à disposição do aprendizado de língua latina o recurso ao uso coloquial da linguagem. A esse propósito, vale sempre recorrer a Lima (2002, p. 9):

O efeito mais sentido como decorrência da falta do latim coloquial dos romanos é o de que, por causa dessa ausência, aprender latim passa a ser algo que se faz na escola, tomando por um dos pontos de partida [...] o discurso já organizado em texto escrito, apesar dos inconvenientes inevitáveis dessa espécie de inversão.

O uso coloquial, que se caracteriza pela espontaneidade inerente às situações rotineiras de interação social, estabiliza as percepções coletivas no que se entende por senso comum e que, por isso, camufla, sob uma aparente neutralidade da linguagem, o potencial e a complexidade da língua como competência ampla que integra as formas, as construções e o discernimento que os falantes têm para usá-la em função do evento comunicativo e dos efeitos de sentido pretendidos em seus atos enunciativos (AZEREDO, 2008, p. 56).

As circunstâncias históricas determinaram que não há na atualidade falantes naturais de latim que atestem o uso corrente dessa língua, por meio da qual seria possível dizer e compreender tudo o que diz respeito ao universo sociocultural romano, conforme será discutido no subitem a seguir.

Reconhecer, com base nos postulados linguísticos, que o latim foi a língua materna dos antigos romanos é reconhecer que o latim de Cícero, de César, de Catulo, de Virgílio, de Horácio, de Tibulo, de Ovídio, de Lucano, de Quintiliano, de Marcial, etc., é o latim de todo povo de fala latina. Isso significa que, do ponto de vista da língua (entenda-se, do sistema linguístico), as manifestações desses autores não diferem, em nenhum aspecto, das de qualquer outro falante natural de latim, qualquer que fosse seu grau de instrução. É essa a grande questão trazida pelas reflexões de Alceu Dias Lima.

Mas afirmar a unidade linguística de uma comunidade não é, de forma alguma, negar o caráter heterogêneo das sociedades humanas. Estas se caracterizam por constituírem-se de membros que, para além das diferenças econômicas, regionais ou etárias entre tantas outras, se distinguem pelos papéis sociais que desempenham. Esses papéis estão diretamente relacionados a habilidades comunicativas e competências verbais específicas. Ainda que compartilhem a mesma *língua*, os



usos – isto é, as *falas*, para reafirmar o conceito saussuriano – diferem na medida em que variam as funções sociais em cada esfera de atuação dos indivíduos.

Cresce assim a importância dos textos legados pelos representantes da cultura romana como única fonte a partir da qual é possível reconhecer o latim como língua materna. Apesar dos inconvenientes de um aprendizado que se vê restrito às habilidades que visam à aquisição de uma competência receptiva escrita, uma vez adquirida, essa competência nos põe em contato com documentos mais representativos da capacidade criadora do ser humano, as expressões literárias, essa outra dimensão de uso da linguagem, na qual os sentidos são mais elaborados, conforme explica Azeredo (2008, p. 58):

Esta é a dimensão em que se movimentam todos aqueles que têm desafios pela frente, que precisam ir além da realidade já construída e aparente, buscando, sob a superfície confortavelmente constante da fala de todos os dias, as pistas, as brechas, os atalhos que nos dão acesso a territórios e objetos que aguçam nossa percepção, renovam nossas emoções e estendem nossos horizontes de compreensão e comunicação.

É nesse sentido que os esforços dos trabalhos realizados por Lima visam a colocar o especialista em contato direto e o mais cedo possível com essas fontes textuais autênticas. Tomando-se os textos ao mesmo tempo como fonte para o aprendizado da língua latina e como objetivo último desse processo, Lima desenvolveu as bases para a estruturação de um método que permite, a partir de procedimentos linguísticos formais, extrair dos textos as estruturas linguísticas e trabalhar com as oposições fundamentais do sistema latino.

O método *Da fala à língua* (LIMA, 1995, p. 115-160) tem permitido, nos últimos anos, o desenvolvimento de materiais de apoio às aulas de latim em que se procura encaminhar um processo que vai do linguístico – no nível proposicional, trabalhando-se com a morfossintaxe dos casos, o sistema verbal e as estruturas simples e complexas – passando pelos processos enunciativos – centrados nos mecanismos da dêixis e da anáfora – como etapa para o encaminhamento da mudança de enfoque necessária para a abordagem do nível textual – voltada para a leitura e tradução dos textos<sup>9</sup> – assim reconhecidos como testemunho da língua viva e, por isso mesmo,

<sup>9</sup> Exemplos de trabalhos oriundos dessa proposta podem ser encontrados em Longo (2006, 2011, 2014, 2015, 2019, [2021]), Prado (2007, 2013, 2014).

expressiva, como meio de manifestação literária, visceralmente comprometida com a história e a sociedade romana.

A leitura de textos autênticos, isto é, escritos por falantes desse latim vivo do passado, com a devida atenção ao valor expressivo dos signos, leva a que se trave com esses textos uma relação mais desafiadora, proporcionada por objetos com profunda densidade humana, e da qual sempre pode resultar a ampliação e o enriquecimento da compreensão do fenômeno verbal. A consciência metalinguística proporcionada por uma formação feita nesses moldes, por promover a reflexão sobre as condições, os mecanismos e os procedimentos de elaboração desses objetos de sentido, permite o reconhecimento de que a polissemia, a polifonia, a intertextualidade, caracterizadoras dos textos literários, conduzem ao funcionamento pleno da linguagem verbal.

É desse modo que Lima mostra que a teoria da linguagem contribui não só para a revisão das práticas de ensino-aprendizagem do latim, mas também para que seja possível, a partir da leitura dos textos originais, compreender a língua latina como expressão da vida em sociedade, com toda sua diversidade, sua complexidade, seus ritos, crenças, hábitos e costumes. Essa perspectiva se opõe àquela que trata a língua de Roma como matéria morta, estanque, afeita a uma aprendizagem mecânica, passiva, não contestadora. As reflexões de Lima mostram que uma aprendizagem nesses moldes pode ser um terreno fértil para fazer brotar os germes do totalitarismo. Cabe à ciência linguística estabelecer as bases para uma abordagem democrática do ensino de latim.

## 2 Uns romanos – sua fala<sup>10</sup> (considerações sobre ‘falar latim’)

[...] *Ho sempre rifiutato, consapevolmente, di perdere la lingua materna. [...] Esiste una differenza irriducibile tra la lingua materna e un'altra lingua. [...] E poi, non esistono alternative alla lingua materna*<sup>11</sup> (ARENDDT, 2019, p. 47-8)<sup>12</sup>.

<sup>10</sup> O título faz referência, em chave semi-paródica, à conhecida crônica de João Guimarães Rosa intitulada *Uns índios – sua fala*, publicada pela primeira vez à p. 9 do caderno Letras e Artes, suplemento literário do jornal carioca *A Manhã*, em 25/05/1954 (cf. imagem fac-similar em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=114774&pagfis=3704>. Acesso em 28 de junho de 2021).

<sup>11</sup> “[...] Sempre me recusei conscientemente a abandonar minha língua materna. [...] Há uma diferença irredutível entre a língua materna e qualquer outra língua. [...] Além disso, não há alternativas à língua materna”.

<sup>12</sup> Trecho da entrevista de Hannah Arendt a Günter Gaus em 28/10/1964, na série de TV *Zur Person* (“Sobre a Pessoa” ou “Nota Pessoal”), publicada em REIF, A. (org). *Gespräche mit Hannah Arendt* [“Conversas com Hannah Arendt”]. München: Piper, 1976, e traduzida ao italiano por Alessandro del Lago, no capítulo *La lingua materna - “Was Bleibt? Es bleibt die Muttersprache”* [A língua materna: “O que permanece? Permanece a língua materna”], p. 23-67.

O latim é, como se sabe, a língua natural de comunicação empregada pelos habitantes do Lácio durante um longo período de tempo (estima-se que desde o início do primeiro milênio a.C.<sup>13</sup> até aproximadamente fins do séc. VIII), em que aquela região viu surgir, foi ocupada e ultrapassada pela expansão açambarcadora da civilização da Roma antiga<sup>14</sup> ou, para simplificar, a língua materna dos antigos romanos. *Antigo* aí indica que os integrantes dessa civilização – bem como, é claro, ela própria – já desapareceram, logo, embora permaneça acessível através dos textos legados à posteridade, seu idioma foi extinto como forma de empreender comunicação oral e natural entre falantes vivos de uma dada comunidade, ou, como se sabe, transformou-se aos poucos em novas línguas, chamadas, por isso mesmo, *novi*-(ou *neo*-)latinas.

Não obstante tais fatos serem muito conhecidos e repisados – enunciá-los torna-se até enfadonho, porque ocioso –, não falta aparecerem *passim interdumque* reuniões sazonais chamadas *conventicula* (congressos em que se “fala latim”, convocados em princípio para essa finalidade) e até mesmo alguns cursos estáveis, cuja proposta de ensino contempla comunicar-se o tempo todo “na língua dos antigos romanos”. Um notável exemplo dessa última espécie é a *Accademia Vivarium Novum*, que empreende o assim chamado método direto ou natural de ensino-aprendizagem do idioma<sup>15</sup>, que consiste em aprendê-lo como se de língua moderna se tratasse – no

<sup>13</sup> Com a chamada *Roma quadrata*, assentamento do séc. VIII a.C. que dará origem à *Vrbs* (cf. GIORDANI, 1985, p. 28-9), embora dados de escavações mais recentes apontem para formas de ocupação desde pelo menos o início do séc. X a.C., que a arqueologia hoje denomina *Cultura Lacial* (cf. FORSYTHE, 2005, p. 53-8).

<sup>14</sup> *Açambarcadora* porque categoricamente imperialista: pondera-se aqui sobre o quase ininterrupto movimento expansionista que levou primeiro a república e depois o império romano à conquista da maior parte do mundo de então. Por isso se afirma também que o Lácio viu surgir os primeiros assentamentos de pastores no final do 2º milênio a.C. (além do já mencionado FORSYTHE, *ibid.*, cf. ADKINS e ADKINS, 1998, p. 105), no cume das proverbiais sete colinas, das quais a do Palatino parece ter sido a primeira e mais importante (porque mais alta e por isso mais facilmente defensável). Com o crescimento contínuo, tais assentamentos mesclaram-se e ocuparam vales e baixios, interligando-se para formar Roma em seus inícios. Tal crescimento foi aos poucos lançando as bases da futura *Vrbs* que, já desde a fase monárquica, expandiu sua área de influência, de maneira que, já no começo da república em 509 a.C., se fazia sentir em termos políticos e militares por boa parte das cidades do Lácio (ADKINS e ADKINS, *ibid.*). Já desde o final do séc. IV a.C., quando assume o controle do norte da Campânia, e depois, no séc. III a.C., quando marcha para a conquista da Magna Grécia, no sul da península italiana, Roma ultrapassa em muito os limites do Lácio nativo, iniciando um movimento contínuo que praticamente não será interrompido pelos próximos séculos (ADKINS e ADKINS, *ibid.*).

<sup>15</sup> Baseando-se principalmente nos trabalhos de Hans Ørberg, autor de *Lingua Latīna per sē illūstrāta*. Cf. o que se pode ler à guisa de explicação rápida em <https://vivariumnovum.it/risorse-didattiche/propria-formazione/metodo-diretto-applicato-alle-lingue-moderne> (Acesso em 28 de junho de 2021). A *Accademia*, cuja forma em latim é *Accademia Vivarii Novi*, foi fundada por Luigi Miraglia e funciona atualmente na Villa Falconieri, um palacete de arquitetura borrominiana localizado em Frascati, nos arredores de Roma (Disponível em: <https://vivariumnovum.net/it/academy/history>. Acesso em 28 de junho de 2021).

sentido de sua possibilidade histórica de emprego em situações reais de fala na presente sincronia. Naturalmente a proposta é de fato sedutora – quem dentre os professores de latim não gostaria de poder restaurar à língua a íntegra de sua potestade, pela quádrupla competência (falar, escrever, ler, ouvir)? – e, a dar-se crédito ao que atestam os testemunhos prestados pela própria *Accademia*, parece gerar resultados sólidos e satisfatórios quanto a reter mais rapidamente os mecanismos linguísticos inerentes ao latim e a assenhorar-se de amplo vocabulário. Sem entrar na discussão de mérito de um sistema de ensino-aprendizagem de língua antiga que simula artificialmente um processo de aquisição de idioma moderno, no tocante à fala propriamente dita, é forçoso indagar que latim se estaria praticando nessas ocasiões. Seja como for, tendo em vista que isso se realiza na atualidade, tais fatos (re)colocam, sobretudo, a questão de saber se é viável falar *latim* hoje, uma inquirição que comparece, ainda que de forma por vezes indireta, nas reflexões propostas em *Uma estranha língua?* de Alceu D. Lima (1995), o que vem a sublinhar, entre outras características da obra, a atualidade daquela proposta de ensino de latim.

O vasto edifício da discussão metodológica que se pode ler em *Uma estranha língua?* (1995) apoia-se no conceito incontornável do latim concebido como *língua materna* dos antigos romanos. Tal fato enuncia-se de passagem ao longo das páginas iniciais do livro<sup>16</sup>, e talvez sua singeleza possa mesmo fazê-lo passar despercebido à leitura talvez por demais ligeira de algum leitor apressado, embora cobre ele sua *raison d'être* a cada nova etapa da argumentação do autor, sempre cômico do que isso representa para a condição presente de um idioma que só se pode aprender e apreender por meios artificiais, isto é, escolares, ou seja, ciente de quão comum é tomar o que pertence ao literário pela totalidade da língua, quando é, por óbvio, apenas uma das dimensões da vida linguística e civilizacional do latim, mesmo que possa ela representar sua face mais pujante e luzidia e, de fato, a única ainda plenamente visível.

O problema de falar latim apresenta-se, por exemplo, na passagem em que a discussão considera seu ensino como instância em que o exercício de uma certa oralidade toma parte

---

<sup>16</sup> O que se pode constatar, sempre com grifos nossos, por ex., em “[...] será mesmo do latim, **língua materna dos romanos**, com início, desenvolvimento e fim bastante bem datados, objeto, portanto, do aprendizado e da indagação acadêmica pelos métodos que a ciência pertinente em cada situação preconiza, será mesmo desse latim, que se está falando?” (LIMA, 1995, p. 19); assim como também em “[...] era, pois, de se supor que o latim aí preconizado outro não fosse senão a **língua materna dos romanos**: o latim, sem nenhum rótulo, sem marcas [...]; o latim idêntico a si mesmo, apesar dos fatos de evolução própria da linguagem verbal” (*ibid.* p. 23).

necessária, como por exemplo nos exercícios fomentados pelo professor, parte inescapável de sua pedagogia:

Confesse-o ou não o professor de latim, a necessidade em que ele se encontra, por força do ofício, de enunciar em voz alta frases latinas ciceronianas e até, por vezes, de ouvi-las dos seus alunos, não há de fazê-lo esquecer nunca que essa “pronúncia”, justamente por ser restaurada, mediante procedimentos científicos, é também o que de mais idealisticamente aproximativo pode haver. Ela não exerce, pois, nem de longe, o papel reservado à oralidade no ensino das línguas modernas. A constatação põe de chofre o estudioso diante de sua verdade mais concreta, a qual por maiores perplexidades que suscite, não haverá de ficar sem consequências para quem quer ensinar latim (LIMA, 1995, p. 37-8).

Afirmá-lo pode representar o inconveniente de quem denuncia o caráter artificioso de uma dada atividade em que, para nela envolver-se efetivamente, será preciso fazer o contrato que coloca o participante no interior do *jogo*. Seria, entretanto, trair o caráter da ciência ignorar o risco de confundir-se artifício com realidade, se não fosse ele denunciado, como o faz corajosamente o texto citado. Se, por um lado, ele admite o caráter ineludível da necessidade de dar alguma expressão oral ao texto latino, em cursos que têm por objeto o ensino desse idioma, por outro lado, expõe sem peias o *caráter aproximativo* da pronúncia, fruto de convenção baseada em pesquisa científica, sim, mas, de qualquer modo, não plenamente identificável à materialidade histórica da troca efetiva de mensagens orais na Roma antiga, cuja possibilidade de verificação foi para sempre apagada com o desaparecimento do último falante nativo de latim que o teve como língua materna.

É evidente que a afirmação há pouco transcrita resulta de aguda consciência radicada no fato incontestável de que não há língua sem fala, ou, de modo ainda mais explícito e alentado, de que

[...] a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o fato da fala vem sempre antes. [...] é ouvindo os outros que aprendemos a língua materna. [...] é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos. Existe, pois, interdependência da língua e da fala, aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta (SAUSSURE, 2003, p. 27)

Tal consciência não o impediu, porém, de ressaltar, pelo mais, que o latim é a língua materna dos antigos romanos e, como tal, tinha corpo em sua fala e que, por isso, provavelmente poderia ser submetida a estratégias de ensino-aprendizagem calcadas em simulação de situações

conversacionais – base do chamado método direto – não se tivesse verificado o lapso histórico de seu desaparecimento, que a coloca em situação especial, a não ser jamais ignorada:

[...] a ideia com que aqui se trabalha é a de que ‘o latim é uma língua viva do passado’ e, portanto, só em relação a esse passado cabem as providências que diferenciam o seu ensino do de qualquer língua estrangeira do presente” (LIMA, 1995, p. 19)

Registra Lima (1995) aí uma distinção obrigatória a marcar o ensino e a aprendizagem do latim, que a torna diversa das demais línguas modernas do presente nem mais nem menos por seu estatuto de “língua viva do passado”: por um lado, *passado* aponta a necessidade de tratamento didático-pedagógico apropriado a ser forçosamente observado, tendo em vista a distância registrada entre seus falantes naturais e os interessados em estudá-la na atualidade (como também a expressão *antigos romanos* antes indicava); por outro lado, entendê-la como *língua viva*, ainda que o tenha sido em momento muito anterior ao nosso, implica compreendê-la como aquela que romanos antigos aprendiam desde o berço, ou seja, mais uma vez como *língua materna*.

Mas que implicação de relevo – se existiram romanos na Antiguidade que falavam uma língua, que era a latina, deve ter sido ela língua materna para a grande maioria deles – pode ser extraída de semelhante concepção? Várias, mesmo porque a feição linguística do latim tem sido e tende a ser continuamente identificada ao(s) registro(s) literário(s) supérstite(s), que representa(m) a quase totalidade dos atos de fala dos antigos romanos. No âmbito deste artigo, porém, algumas delas são mais relevantes: a) além de sua fulgurosa literatura, romanos da Antiguidade empregavam o latim para comunicar as mais elementares operações do dia a dia, por meio de atos de fala dos mais banais e corriqueiros; em grande medida, porém, é precisamente isso que fundamenta a vida efetiva de qualquer idioma; b) esse estrato da língua perdeu-se irremediavelmente com a morte de seus últimos falantes naturais, em algum momento situado, pelo que se estima, entre os séculos VIII e IX<sup>17</sup>; c) a perda da oralidade do idioma vivo no passado não pode ser recuperada *de facto*, i.e.,

<sup>17</sup> Há quem considere, como o faz Wilfried Stroh (2008, p. 280), a indicação da morte definitiva do latim a reintrodução de seu estudo como matéria escolar, a mando do imperador Carlos Magno, que reinou sobre Francos, Lombardos e Romanos, de 768 a 814: *Charlemagne réinstaura les classes de latin et sauva ainsi le latin, désormais appris par tous les lettrés, qu'ils fussent de langue romane ou pas, comme seconde langue. C'est justement ce sauvetage qui fut la véritable mort [...], car désormais le latin n'était plus la langue maternelle de personne* (“Carlos Magno restabeleceu as aulas de latim e, dessa forma, salvou o latim, agora aprendido por todos os estudiosos como segunda língua, falassem



todos os modelos e propostas de rearticulação presente do latim são fruto de arrazoados conjecturais, mesmo que bem fundamentados e historicamente pertinentes. Vale dizer, em matéria de linguagem, ou se conhece empiricamente a dimensão oral de um idioma por contato direto com seus falantes naturais ou, então, não se a conhece na verdade. Isso é ainda tanto mais verdadeiro quando se levam em conta fatores outros presentes na camada fonológica da língua latina, como a necessária articulação de elementos suprasegmentais, tais como a quantidade vocálica e o acento (de intensidade ou de altura? Questão que, volta e meia, torna a ocupar a cena de disputados debates acadêmicos), em todos os componentes lexicais daquele idioma.

Aprende-se uma língua em sua integralidade – mais uma vez a quádrupla competência: falar, ouvir, ler, escrever – com o propósito precípua de estabelecer comunicação oral com falantes nativos, mas esse não é mais o caso do latim (nem de outras línguas que tiveram semelhante fortuna histórica).

E isso porque o latim não é, afinal, uma língua rediviva, como o hebraico.

O texto inspirador de Fellman (1953) já demonstrou cabalmente que não apenas a Eliezer Ben Yehuda, mas também – para mencionar apenas alguns – às comunidades agrícolas e aos ingentes esforços de educação escolar, deve a nação israelita o ressurgimento do hebraico como seu idioma de uso, assim como refuta também a condição miraculosa de sua ressurreição, como já foi um dia considerada<sup>18</sup>. Assim mesmo, é preciso mencionar as razões – sobretudo político-religiosas, mas também históricas e culturais – que levaram e justificaram a proposta conduzida por Ben Yehuda de reconduzir o hebraico bíblico à sua inteira potência de língua viva<sup>19</sup>: o idealismo nacionalista e a força unificadora de um idioma comum, capaz de reintegrar judeus dispersos pela diáspora em várias partes do mundo e, em decorrência, falantes de variedades de idiomas judaicos,

---

ou não uma língua românica. Foi precisamente tal resgate que foi sua verdadeira morte [...], porque, a partir de então, o latim já não era a língua materna de mais ninguém”).

<sup>18</sup> Cf. TUR-SINAI, N.H. The miracle of modern Hebrew. **India and Israel**, nº 5, 1953 (*apud* FELLMAN, 1973, p. 9 *infra*).

<sup>19</sup> Para promover crítica e refutação, Fellman cita a opinião sobre Ben Yehuda emitida pelo jornalista St. John (*apud* FELLMAN, *ibid.*), para quem aquele seria ... *a man who made it possible for several million people to order groceries, drive cattle, make love, and curse out their neighbours in a language which until his day had been fit only for Talmudic argument and prayer* (“... um homem que tornou possível para vários milhões de pessoas comprar mantimentos, conduzir gado, fazer amor e amaldiçoar seus vizinhos em uma língua que até seus dias servia apenas para discussões talmúdicas e orações”). A passagem interessa aqui, sobretudo, para fornecer alguns dos contornos práticos à dimensão linguística de um idioma alçado novamente à condição de língua oral de comunicação, estatuto do qual o latim não desfrutava nem provavelmente tornará a desfrutar.



como os dialetos do iídiche e do ladino. Em suma, os judeus modernos não eram falantes de línguas neo-hebraicas, como são os falantes das línguas neolatinas, o que explica em grande medida porque foi possível – ainda que bastante notável – restituir o antigo hebraico a uma forma de oralidade possível nos dias presentes, resultado da confluência de vários falares estrangeiros como os idiomas há pouco citados – iídiche e ladino – ao passo que o idioma da Roma antiga não tem como encontrar semelhante situação, nem solo nacional, nem identidade histórica direta (somente imaterial e indireta).

Diante de tais argumentos e evidências, uma conclusão inescapável impõe-se, portanto: qualquer latim falado nos dias que correm será sempre e inapelavelmente hipotético, mesmo que seja “o mais idealisticamente aproximativo” que possa haver, como apontou a lucidez de Lima (1995, p. 37). Além disso, embora seja possível utilizar alguma forma aproximativa de pronúncia para exercitar estruturas e aprender a língua, não se estará de modo algum “falando latim”, ao menos não ao mesmo título dos que aprendem um idioma moderno e o praticam com falantes naturais capacitados, de preferência com aqueles que o tenham aprendido como língua materna.

### 3 Latim como língua materna e(m) Tradução

A tradução é a procura de um equivalente, e não de um substituto.  
Requer pelo menos afinidade estilística, quando não psicológica.  
(BRODSKY, 1994, p. 84 [Trad. S. Flaksman])<sup>20</sup>

Neste subitem, busca-se explorar, um pouco ao modo de ciências aplicadas, o conceito de “Latim, língua materna dos romanos”, à luz dos desdobramentos dessa reflexão no campo da Tradução e à vista de exercícios tradutórios realizados sob esse norte por Alceu Dias Lima. Assim, a formulação de Brodsky, em epígrafe, caiu justa ao que estava em discussão nos anos de 1990 no chamado Grupo de Araraquara<sup>21</sup>. Brodsky, chegou às mãos do Prof. Alceu, muito por seu ensaio

<sup>20</sup> *Translation is a search for an equivalent, not for a substitute. It requires stylistic, if not psychological congeniality.* (Brodsky, 1986, p. 140)

<sup>21</sup> Assim ficou conhecida a Área de Latim da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, câmpus Araraquara, um grupo formado pelos professores Alceu Dias Lima, Haroldo Bruno, João Batista Toledo Prado e José Dejalma Dezotti, com intensa atuação na década de 1990. Após as aposentadorias de Alceu, Haroldo e Dejalma, a área conta atualmente com os docentes que assinam a autoria do presente artigo e que, à sua maneira e ao seu tempo, dão continuidade ao legado de Alceu Dias Lima.

sobre Derek Walcott, poeta caribenho que escreveu uma Odisseia pós-colonial, que seria um modo de interpretar seu livro *Omeros*. O ensaio de Brodsky sobre Walcott, “O som da maré” (na trad. de Flaksman, do original, *The Sound of the Tide*), inicia-se com essa cortante reflexão que envolve as relações nem sempre concordes entre centro e periferia (1994, p. 97):

As civilizações são finitas, e por isso sempre chega um momento na vida de todas elas em que o centro começa a se desagregar. O que as impede de se desintegrar nessas horas não são suas legiões, mas a língua. Foi o caso de Roma e, antes, da Grécia helênica. Quem responde por sua coesão nesses momentos são os homens que vivem nas províncias, na periferia. Ao contrário da crença popular, a periferia não é onde o mundo acaba - é lá precisamente que ele se desenreda.

Tal reflexão é importante nessa transição do pensamento a sua tradução. Desde Roma até a periferia do capitalismo em que vivemos, há um longo oceano histórico, geopolítico e temporal a ser ultrapassado, sendo a tradução um dos modos fundamentais de revelar um “humanismo democrático”<sup>22</sup>, mesmo nas culturas e nas línguas da Antiguidade clássica. Pensar sobre tradução é dar lugar à transmissão do legado clássico, algo fundamental em uma visada teórica democrática como a de Alceu Dias Lima.

Brodsky, como se vinha dizendo, veio encorpar um entendimento de tradução já exercitado nas versões vernáculas dos textos latinos, bem como na atividade ensaística do Grupo de Araraquara como um todo. Em 1990, a dissertação de mestrado de Dezotti, intitulada *O epigrama latino e sua expressão vernácula*, propunha a expressão vernácula de epigramas de Catulo e Marcial, a partir de setissílabos em quadras rimadas. Em 1995, vem a lume *Uma estranha língua?*, produto da tese de livre docência [1993] do professor Alceu D. Lima.

Convém lembrar que, embora a preocupação mais declaradamente teórica com a tradução se explicita apenas nesse período, a atividade de Alceu Dias Lima como tradutor remonta já aos anos 1970 e 1980, com traduções mais técnicas, como o manual de cultura romana *Roma e os Romanos*

<sup>22</sup> Trata-se daquele tipo de Humanismo universal que Claude Lévi-Strauss reivindicava à etnologia: “após o humanismo aristocrático da Renascença e o humanismo burguês do séc. XIX, a etnologia marca [...] o advento para o mundo finito que se tornou o nosso planeta, de um humanismo duplamente universal. Procurando sua inspiração no cerne das sociedades mais humildes e desprezadas, proclama que nada de humano poderia ser estranho ao homem, e funda assim um humanismo democrático que se opõe aos que o precederam: criados para privilegiados, a partir de civilizações privilegiadas” (Lévi-Strauss *apud* Lima, 1995, p. 107). Alceu Dias Lima reivindica esse humanismo para o estudo das Antiguidades: “o humanismo democrático preconizado pelo eminente etnólogo pode ter como objeto também o estudo das Antiguidades clássicas, sem excluir o das línguas, contanto que servido por procedimentos didáticos compatíveis com propósitos tão generosos” (1995, p. 107).

(1976), e a coordenação do trabalho de tradução do *Dicionário de Semiótica* de Greimas e Courtés (1983), outras nem tanto, como o texto de Barthes, “Sintagma e sistema”, na revista *Bacab* (1970).

Nos esclarecimentos iniciais de *Uma estranha língua*, há uma nota sobre algumas versões vernáculas de poemas, feitas em verso, que bem consubstancia a ideia da indissolubilidade entre língua materna e poesia, tanto que citações de versos latinos parecem requerer transposições poéticas vernáculas, como se um dado de expressividade só pudesse ser trasladado em outro sistema linguístico por seu equivalente expressivo, em que se nota a arbitrariedade da acomodação como um dos traços da equivalência proposta<sup>23</sup> (Lima, 1995, p. 13):

a versão vernácula em verso (decassílabo ou setissílabo) não se faz aí com a pretensão de traduzir poesia e sim de insistir na necessidade de que não se pratiquem cortes drásticos entre conhecimentos de poética e conhecimentos de língua no estudo dos idiomas.

Na tese de doutorado de Prado, de 1997, já se pode encontrar *in praesentia* a aproximação entre as ideias de tradução do Grupo de Araraquara e as formulações de Brodsky. Como fruto dessas reflexões precursoras, Prado, em 1999, publica uma síntese das formulações de tradução do Grupo no artigo “Um conceito de equivalência na expressão vernácula da poesia latina”, baseando-se em uma tradução expressiva decassilábica de Tibulo II, 2, 21-22: “que venha o Gênio e aos avós dê netos,/ jovem turba em tropel diante de ti”<sup>24</sup>.

De fato, o achado da oposição brodskiana entre *equivalente vs. substituto* abriu um caminho de crítica a um certo tipo de tradução de conteúdo – tantas vezes, literal e/ou justalinear – perpetuada pelo ensino tradicional de latim, num momento em que Lima e Prado se debruçavam sob os aspectos fonostilísticos do verso latino, como se pode depreender dos artigos – publicados em 2003, mas gestados no final da década de 1990 – “De metrficação e poesia latina” (LIMA, 2003a) e “A desumana neutralidade da métrica” (PRADO, 2003). Nesse sentido, os ensaios sobre uma afinidade idealmente psicológica entre versos latinos e portugueses, já presentes em estado

<sup>23</sup> Ao propor a tradução por decassílabos ou setissílabos vernáculos, Lima não está preocupado em uma transposição direta entre sistemas métricos do latim e do português; hexâmetros serão traduzidos por decassílabos, por exemplo... Note-se que não se fala sobre quais versos latinos nem a quais gêneros poéticos eles pertencem, mas se propõe uma espécie de expressividade poética equivalente que só encontraria lugar no interior do sistema poético do português, qualquer que seja o metro vernáculo que o acolha.

<sup>24</sup> *Hic ueniat Natalis auis prolemque ministret,/ laudat et ante tuos turba nouella pedes.*

germinal nos estudos de Dezotti (1990 e 1991), ganham novo fôlego, diante da necessidade empírica de ver aspectos métricos e prosódicos do latim alcançarem equivalência em português.

Para fazer justiça aos traslados de Dezotti – e porque citá-los é algo também muito prazeroso – quando ele traduz dísticos elegíacos, mais do que o dado empírico binário da estrofe, mais do que o efeito rítmico manco criado pela consecutividade de um hexâmetro ser seguido por um pentâmetro (também chamado de hexâmetro catalético, porque lhe falta um pé), busca-se a comoção (*mouere*) do leitor ou audiência com a unidade entre a rima e o módulo final da piada/chave de ouro que encerra esse tipo de composição:

Não ligo a mínima, César,  
Se estou mal em seu conceito.  
Nem mesmo quero saber,  
Se você é branco ou preto. (DEZOTTI, 1990, p. 145)<sup>25</sup>

Prado (1997, p. 211) serve-se, inclusive, do conceito de “isomorfismo” para expressar a relação estilística/psicológica entre original e tradução, sintetizando que o ponto de vista de equivalência em Brodsky e de transposição em Jakobson:

cria obrigações quanto a oferecer [...] traduções que busquem as equivalências de características entre o sistema de partida e o de chegada, equivalências essas que se farão sentir, no presente caso em português, sempre que a psique do falante desse idioma reconhecer de pronto os isomorfismos de expressão e conteúdo, acentuados pelos movimentos rítmicos criados pelo verso que, para o tradutor, seja uma recriação possível da métrica empregada pelo autor latino sobre que se debruçaram seus esforços (PRADO, 1997, p. 211).

No bojo desses progressos teóricos, é fundamental a tradução de alguns versos do discurso de Anquises a Enéias (*Eneida*, 6.847-53) apresentada por Lima (1996, p. 492). No ensaio, que tem por título “Superação de restrições métricas do hexâmetro latino”, o exercício interpretativo dos aspectos fonéticos e retóricos do verso virgiliano tem como clímax a proposição desta tradução

Outros, mais hábeis, tirarão, na forja,  
respiração do bronze, creio sim;  
vivas, feições farão nascer do mármore,  
melhor vencerão causas e, no espaço,  
apontarão caminho a novos astros.  
A ti romano, incumbe, não te esqueças,  
os povos governar, tal é tua arte,

<sup>25</sup> *Nil nimium studeo, Caesar, tibi velle placere, / nec scire utrum sis albus an ater homo.* (Catulo, 93)

trazendo aos fracos paz e, aos fortes, guerra.<sup>26</sup>

Prefaciada pelas seguintes palavras:

Dessa versão em português devo dizer, a bem da verdade, que tenho minhas dúvidas, ou melhor, não tenho dúvida nenhuma quanto à modéstia dos resultados no tocante à expressão plástica, por quem, sendo embora poeta pela sensibilidade, não o é com respeito ao exercício profissional do poeatar. Entretanto, eu a mantenho. Em primeiro lugar para opor-me ao péssimo gosto que acompanha o erro teórico em que laboram os que cuidam de poderem traduzir poemas, oferecendo em seu lugar sucedâneos em prosa, ainda que retoricamente elaborada e aliciante (LIMA, 1996, p. 490).

Nota-se a tentativa de superação das próprias limitações do pesquisador no esforço por produzir uma tradução que oferecesse uma afinidade estilística e efeito psicológico análogo ao original. A crítica ao que chamou de “erro teórico” recebe um melhor detalhamento num texto do mesmo ano – cuja forma definitiva está estampada em *Itinerários - Revista de Literatura* de 2003 –, “Possíveis correspondências expressivas entre Latim e Português”, apresentado na 49ª Reunião Anual da SBPC em 1997.

Já sob influência da formulação brodskiana, Lima propõe duas acepções distintas para a tradução de textos latinos: a tradução de serviço em que o resultado do trabalho tradutório não se distingue muito da análise e descrição do sistema gramatical; a tradução discursivo/textual, ou tradução simplesmente, fundamentada pelo conceito tradutório de Brodsky, tal qual figurado em epígrafe (2003b, p. 14).

Delimitam-se dois níveis distintos de transposição dos textos latinos, cujo nome de tradução é mais propriamente empregado ao segundo nível. Esse artigo, ademais, apresenta o robustecimento da concepção tradutória de Lima, que pode ser entendido pela síntese das ideias de Brodsky, referentes à tradução propriamente dita, e de Hegel, em relação ao todo orgânico e aparentemente não intencional da obra de arte. Para Lima (2003b, p. 15-16), o tradutor será aquele que é capaz de reproduzir, na língua de chegada, o que sentiu na língua de partida; e de perceber que todos os requisitos da unidade hegeliana, incluindo-se o de que estes não pareçam intencionais, formarão o

<sup>26</sup> *Excudent alii spirantia mollius aera/(credo equidem), uiuos ducent de marmore uoltus,/orabunt causas melius, caelique meatus/ describent radio et surgentia sidera dicent:/ tu regere imperio populos, Romane, memento/ (hae tibi erunt artes), pacisque imponere morem,/parcere subiectis et debellare superbos.*

sistema virtual pressuposto a todo texto poético. Propõe-se, assim, que se chegue à tradução discursivo/textual através das características concernentes a todo texto artístico.

Em síntese, as ideias acerca da tradução do “Grupo de Araraquara” parecem conciliar uma sensível e, por isso, profunda concepção tradutória, cujo valor reside na construção de uma expressividade poética vernácula, quando da tradução de literatura latina, inextricavelmente conexa ao caráter científico, alhures desumanizado, das reflexões linguísticas e estéticas em relação a essa estranha língua.

Pensando na potencialidade também didática desses saberes, é importante citar os reflexos do pensamento do professor Alceu na formação de novos pesquisadores, seja na Pós-graduação, seja na Graduação. No mestrado, com apoio da CAPES, Márcio Thamos acaba por oferecer uma versão decassilábica daquele discurso de Júpiter a Vênus da *Eneida* de Virgílio (cf. 1.257-296), mencionando a ideia, já brodskiana, de equivalente vernáculo (Thamos, 1998, p.118-130)<sup>27</sup>. Brunno Vieira, como produto da Iniciação Científica (CNPq/PIBIC), publica um experimento tradutório em verso da Ode, 1, 11 de Horácio, em decassílabos, diga-se, um tanto irregulares (Vieira, 1998, p.18)<sup>28</sup>.

Assim, em diferentes níveis de formação e de atuação, o desvendamento da poesia latina está diretamente relacionado com a construção de uma afinidade estilística entre o poema latino e suas representações possíveis em português. Brodsky sinaliza melhor esse caminho ainda no ensaio “O filho da civilização” que, tratando das (más) traduções do poeta russo Mandelstam ao inglês, e partindo da seguinte constatação “o mínimo que se pode esperar de seus tradutores [de Mandelstam] é pelo menos uma aparência de paridade (*semblance of parity*)” (BRODSKY, 1994, p. 84), afirma a possibilidade de tal paridade através da criação de uma afinidade estilística nestes termos:

[...] o idioma estilístico (*stylistic idiom*) que poderia ser usado para traduzir Mandelstam é o do Yeats dos últimos anos (com quem também tem muito em comum do ponto de vista temático). [...] Mas além da perícia técnica e de uma afinidade psicológica, a coisa mais crucial que um tradutor de Mandelstam precisa

<sup>27</sup> Cita-se uma pequena amostra: *Nascetur pulchra Troianus origine Caesar, / imperium Oceano, famam qui terminet astris, / Iulius, a magno demissum nomen Iulo.* (Virg. *En.* 1.286-8) Nascerá, de uma nobre estirpe, César, / troiano que, estendendo o Império ao mar, / a fama elevará até os astros; / Júlio, seu nome, advém do grande Iúlo (Trad. Márcio Thamos).

<sup>28</sup> Cita-se como exemplificação: [...] *carpe diem, quam minimum credula postero.* (Hor. *Carm.* 1.11.8), Colha o dia como se único fosse / e ao que é vindouro, pouco ou nada endosse (Trad. Brunno Vieira).



possuir ou então desenvolver é um *sentimento análogo* (*like-minded sentiment*) ao seu pela civilização (BRODSKY, p. 84-85, grifo nosso).

Essa ideia de idioma estilístico expressa por Brodsky, tal como a de equivalência anteriormente apontada, tem afinidades com uma prática que já vinha sendo manifestada pelo Grupo de Araraquara ao menos desde o final da década de 1980: a tradução deve encontrar um equivalente vernáculo quanto ao gênero discursivo e quanto à força expressiva. Reflexos dessa concepção são as traduções/adaptações teatrais de Dezotti das comédias *Os Menecmos* (1995), *Aululária* (1996) e *O Soldado Fanfarrão* (1999) de Plauto, as quais procuram, não a letra, mas um efeito cômico análogo ao do original. Na apresentação ao texto dos *Menecmos* e da *Aululária* (cf. Plauto, 1996, p. 5-6), lê-se que:

[...] outro processo de adaptação largamente utilizado consiste num trabalho de *adequação do nível de linguagem* em que a peça deve ser apresentada. Essa necessidade, em particular, derivou da constatação de que as traduções existentes dos textos [...] têm caráter eminentemente acadêmico, não foram feitas com o pensamento voltado para sua realização teatral. [...] Elas, assim como estão, dificultam sua apreciação por parte de nossas plateias. Atendendo-se a características estéticas originais peculiares [...], recorre-se – diferentemente das traduções ‘literarizantes’ – a variados registros populares do português, com o intuito de preservar de algum modo a diferença social significada pela variação linguística presente no texto original.

Há no breve trecho acima, uma escolha tradutória que dialoga com os conceitos de idioma estilístico e de sentimento análogo, aos quais se fez referência há pouco, mesmo levando em conta o *status* de adaptação em que essas versões plautinas se inscrevem<sup>29</sup>. A atenção dada ao meio da mensagem, “representação teatral”, e a ênfase na fruição do texto em relação ao público receptor demonstram a preocupação em produzir um *sentimento análogo* ao do texto original, o que no caso significa provocar o riso.

No que tange à tradução de poesia, a ideia de idioma estilístico está, para o Grupo de Araraquara, relacionada ao entendimento saussuriano do que seja o signo linguístico e, num nível

<sup>29</sup> Comparem-se as versões de Dezotti e Silva: **Euclio**: *Exi, inquam. age exi. exeundum hercle tibi hinc est foras, / circumspectatrix cum oculis emissiciis.* – Já lá para fora, vamos! Lá para fora, já disse! tens que ir mesmo lá para fora, minha espia, sempre de olho esbugalhado (Trad. de Agostinho da Silva). – Saia, vamos, saia! Diacho! Será que você não entende que sair é pra fora, hein, sua espia do olho espetado! (Trad. de Dezotti).



mais amplo, da inter-relação entre língua e fala: “que as indagações sobre poética, qualquer que seja o nível em que se deem, procurem conduzir-se por trâmites que não isolem componentes da língua dos da fala e vice-versa” (Lima, 1996, p. 2). Retomar a “fala” de um poema está relacionado à reprodução, no texto de chegada, de expedientes poéticos equivalentes ao original, e uma forma de ecoar essas correspondências de registro tem sido a preferência pelo equivalente vernáculo em verso, mesmo asseverando-se, à semelhança do que já Aristóteles alertara sobre Empédocles (*Poética* 1447b, 16 ), que

Nenhum dos procedimentos elaborados pelas poéticas é por si só garantia da existência do texto de poesia, de poema, do mesmo modo que a presença de figuras recebidas pela retórica em um discurso não garante que este seja uma boa peça oratória. Nem o próprio verso, objeto de tantos refinamentos tipológicos da parte dos que se ocuparam e ainda hoje escrevem sobre essa importante parte da poética, nem o verso escapa a essa espécie de insuficiência. Dele se pode dizer, de fato que não é ele, o verso, com sua regularidade rigorosamente medida que impõe suas regras à poesia e sim a poesia que impõe sua regra aos versos todos. (LIMA, 2003b, p. 15)

O uso do verso, assumidos todos os riscos de versificação despoetizada em que se pode incorrer, parece requerido pela necessária equivalência, principalmente na construção de uma imprescindível afinidade estilística e mesmo à unidade que se espera de um produto artístico.

Àqueles que tiveram aula com o Prof. Alceu é sempre muito tocante a sua leitura da *Arte Poética* de Horácio, de quem traduzia, para aplicação em aula, alguns de seus lapidares versos. Um deles, que não consta publicado em livro, é a versão ao hexâmetro 337 do Venusino; em um contexto no qual o poeta trata da concisão requerida no poema, expressa-se o seguinte hexâmetro seguido da versão de Alceu Dias Lima:

*omne superuacuum pleno de pectore manat*  
tudo sai chocho dum peito estufado

A expressividade dessa tradução, assim conservada de orelha, de *cor*, diz muito sobre o acolhimento do Latim como língua materna em nosso vernáculo. A tradução é expressa em decassílabo. Um decassílabo irregular, ainda que essa irregularidade possa ser encontrada em Camões (*cf. Lus. 7.62.7*), mas que imprime um ritmo ao espírito daquele que ouve/lê. Esse ritmo, essa sequência rítmica, expressa um ensinamento tanto em latim como em português, o que

favorece à memória. Os termos usados, em latim a oposição de *superuacuum* vs. *pleno* vertida em português para “chocho” vs. “estufado”, parecem clarificar nos significantes o sentido da fala, mesmo se invertendo em português o “estufado”, polissílabo, e o “chocho”, dissílabo, sendo o número de sílabas o índice do efeito de sentido. Se “chocho” pode ser considerado por demais baixo para traduzir *superuacuum*, notemos que o termo latino parece ter sido cunhado por Horácio (a primeira ocorrência atestada pelo *Oxford Latin Dictionary* é em *Carm.* 2.20.24). Uma vez que se trata de polissílabo, parece evocar algo daquele *sesquipedales* (*Ars*, 97), condenável por excessivo, o que soa inadequado como “chocho” num decassílabo.

Esses efeitos à flor da pele só podem ser sentidos, porque uma fala responsiva ao texto horaciano ressoou na língua materna de chegada e tocou em unidade melódica o coração de quem recebeu o ensinamento, assim como a fala original de Horácio. Sendo assim, o efeito gerado nessa tradução, como nas outras deste subitem, define bem aonde pode chegar o conceito de língua materna dos romanos.

## Conclusão

A história do ensino de latim no Brasil passa pelas reflexões empreendidas por Alceu Dias Lima ao longo de sua carreira como docente e pesquisador da Universidade Estadual Paulista (UNESP). As discussões suscitadas por seus trabalhos revelam que a abordagem da língua e da literatura da Roma antiga, se empreendida sem considerar as bases científicas proporcionadas pelas Linguística e pela Semiótica, pode sustentar uma visão mistificadora, isto é, em desacordo com um conceito de humanismo que se quer libertador, no sentido de possibilitar o desenvolvimento das capacidades humanas em cada indivíduo, a ponto de torná-lo agente de sua própria realidade, em favor de uma transformação social livre de condicionamentos históricos ou de supostos poderes transcendentais, pois o tratamento dado pela tradição escolar a essa língua antiga está em consonância com uma perspectiva elitista que não encontra legitimidade no mundo contemporâneo, com seus movimentos pós-modernos de descentramento, para dar relevo às margens, e de recusa à pureza, para dar lugar à diversidade.

## Referências

ADKINS, L.; ADKINS, R. A. **Handbook to life in ancient Rome**. Oxford/New York: Oxford University Press, 1998.

ARENDT, H. “La lingua materna”. In: \_\_\_\_\_. **La lingua materna, la condizione umana e il pensiero plurale**. A cura di Alessandro del Lago. Milano/Udine: Mimesis, 2019, p. 47-8 (Collana Piccola Biblioteca, nº 5).

ASSIS, M. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Ilustrado por Candido Portinari. Rio de Janeiro: Antofágica, 2019.

AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.

BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística geral**. Trad. Maria da Glória Novak e Luiza Neri. Bauru: EdUSP, 1976.

BORNECQUE, H.; MORNET, D. **Roma e os romanos**. Trad. de Alceu Dias Lima. São Paulo: EPU/EDUSP, 1976.

BRODSKY, J. O filho da Civilização. In: \_\_\_\_\_. **Menos que um: ensaios**. Trad. Sérgio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRODSKY, J. **Less than one: selected essays**. New York: Farrar Straus Giroux, 1986.

DEZOTTI, J. D. A expressão vernácula dos problemas investidos na *Égloga V* de Virgílio. In: CARDOSO, Z. A. (Org.) **Mito, religião e sociedade**. (Atas do II Congresso Nacional de Estudos Clássicos). São Paulo: SBEC, 1991.

DEZOTTI, J. D. **O epigrama latino e sua expressão vernácula**. 195f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) Universidade de São Paulo, 1990.

FELLMANN, J. **The revival of a classical tongue**. Eliezer Ben Yehuda and the modern Hebrew language. The Hague (NE)/Paris (FR): Mouton, 1973.

FORSYTHE, G. **A Critical History of Early Rome**. From Prehistory to the First Punic War. Berkeley e Los Angeles (USA) / London (UK): University of California Press, 2005.

GIORDANI, M. C. **História de Roma: Antiguidade clássica II**. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. Trad. A. D. Lima *et al.* São Paulo: Cultrix, 1983.

HJELMSLEV, L. **Ensaio linguísticos**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Perspectiva, 1991.

HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Trad. Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LIMA, A. D. O enunciado latino e a iniciação científica. Revista **Calíope**: Presença Clássica, nº 15, Rio de Janeiro, 2006, p. 13-22.

LIMA, A. D. De metrificacão e poesia latina. **Alfa**, São Paulo, v. 47(1): 99-109, 2003a.

LIMA, A. D. Possíveis correspondências expressivas entre latim e português: reflexões na área da tradução. **Itinerários - Revista de Literatura**, Araraquara, nº especial: 113-22, 2003b.

LIMA, A. D. **Resistência à vulgarização escolar nas questões da prosódia e da métrica**. Artigo inédito. 2002.

LIMA, A. D. Superação de restrições métricas do hexâmetro latino. In: **Anais do XI Encontro Nacional da ANPOLL**. João Pessoa-PB, 1996. p. 486-492.

LIMA, A. D. **Uma estranha língua?** Questões de linguagem e de método. São Paulo: EdUNESP, 1995.

LONGO, G. **Curso Básico de Língua Latina** (e-book). Araraquara: Asterisco, [2021], no prelo.

LONGO, G. Bases linguísticas para o estudo do latim: Reflexões sobre o texto-fonte. **Verebas**. Juiz de Fora, MG, nº 23, 2019, p.59-73.

LONGO, G. Ensino inicial de Latim: a Cultura Clássica através de textos. **Phaos**. Campinas, SP, nº 15, 2015, p. 5-18.

LONGO, G. Abordagem textual no ensino de latim. **Organon**. Porto Alegre-RS, v. 29, n. 56, 2014, p. 175-188.

LONGO, G. **Ensino de Latim**: reflexão e método. 248f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2011.

LONGO, G. **Ensino de Latim: problemas linguísticos e uso de dicionário**. Araraquara. 105f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

ØRBERG. **Metodo Diretto**. Disponível em <https://vivariumnovum.it/risorse-didattiche/propria-formazione/metodo-diretto-applicato-alle-lingue-moderne>. Acesso em 28 de junho de 2021.

PLAUTO. **Aululária**. Trad. J. D. Dezotti. Araraquara: Seção Gráfica, 1996.

PLAUTO. **Os Menecmos**. Trad. J. D. Dezotti. Araraquara: Seção Gráfica, 1995.

PLAUTO. **O soldado fanfarrão**. Trad. J. D. Dezotti. Araraquara: Seção Gráfica, 1999.

PRADO, J.B.T. Ensino de latim e educação linguística: reflexão sobre materiais e método. **Phaos**. Campinas-SP, nº 14, 2014, p. 143-155.

ROSA, J. G. *Uns índios – sua fala*. Crônica disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=114774&pagfis=3704>. Acesso em 28 de junho de 2021.

ROSA, J. G. El sistema pronominal latino: su descripción y cómo enseñarlo. In: SALAS, O. D. A; VALENCIA, A. V. (Org.). **Cultura clásica y su tradición**: balance y perspectivas actuales. México DF.: Universidad Nacional Autónoma de México, 2013, p. 427-438.

ROSA, J. G. **Língua Latina I** - Anotações de aula. Araraquara: FCL-UNESP, 2007 (versão 2.2: texto em meio digital).

ROSA, J. G. A desumana neutralidade da métrica. **Alfa**, São Paulo, 47, vol. 1, 2003, p. 111-118.

ROSA, J. G. Um conceito de equivalência na expressão vernácula da poesia latina. **Organon**, Porto Alegre, vol. 13, n. 27, 1999, p. 147-158.

ROSA, J. G. **Canto e encanto, o charme da poesia latina**: contribuição para uma poética da expressividade em língua latina. 272 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) Universidade de São Paulo, 1997.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Trad. A. Chelini, J. P. Paes, I. Blikstein. 25ª ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

STROH, W. **Le latin est mort, vive le latin!** Petite histoire d'une grande langue. Traduit de l'allemand et du latin par Sylvain Bluntz. Paris : Belles Lettres, 2008.

THAMOS, Márcio. **Poesia e imitação**: a busca da expressão concreta. 150f. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1998.

VIEIRA, B. V. G. Ode XI, Liber primus, Quinti Horatii Flacci. **Revista de Tradução Modelo 19**, Araraquara, n. 4, 1998, p. 16-18.